

PRODUÇÃO E APROPRIAÇÃO DA MEMÓRIA DOS ESCRAVIZADOS NO BRASIL: ESCOLA, MOVIMENTO NEGRO O 13 DE MAIO EM SOROCABA - 1930

SILVA ¹, Fátima Aparecida – UNISO / UFC

GT: Afro-Brasileiros e Educação / n.21

Agencia Financiadora: IFP Ford Fondation

INTRODUÇÃO

O presente texto ² é resultado da pesquisa de mestrado cuja proposta foi compreender o processo de produção e apropriação da memória da abolição dos escravizados no Brasil no espaço escolar e pelo movimento negro, Frente Negra de Sorocaba, especialmente sobre a data 13 de Maio, na década de 30 do século XX.

Destacamos o 13 de Maio no contexto da Abolição porque se trata de uma data emblemática e que se torna posteriormente ao ano 1888 um instrumento de disputa ideológica entre o Estado, o movimento abolicionista e os movimentos negros no Brasil.

A Frente Negra Brasileira foi foco de nosso estudo, pela sua relevância no cenário nacional e na cidade de Sorocaba. A década de 30, por sua vez, foi o período em que essa entidade esteve ativa, tendo sido fundada em 1931 e extinta em 1936.

A data 13 de Maio era comemorada com grande mobilização pela Frente Negra Brasileira, atitude que se alterou radicalmente nos anos 70. A partir de então, os movimentos negros passaram a destacar o 20 de Novembro, dia dedicado ao líder Zumbi dos Palmares, como a data mais significativa para a comunidade negra. Segundo Célia Maria de Azevedo, “Zumbi ganhou vida à medida que os movimentos negros contra o racismo conquistaram espaço no cenário social, resgatando do esquecimento a figura de um líder escravo que ousara dizer não à escravidão que lhe fora imposta pelo poder branco” (Azevedo, 2004 a, p. 87). Zumbi é então reverenciado como herói pela sua capacidade de governar uma sociedade de resistência ao escravismo, o Quilombo de Palmares, para onde fugiam escravos, índios e até brancos descontentes, e que demonstrou grande estabilidade institucional, tendo resistido por mais de cem anos. Assim, a data 20 de Novembro, destacando a figura guerreira de Zumbi dos Palmares entra no cenário, em substituição ao 13 de Maio que sai de cena juntamente com sua

¹ Bolsista do Programa Internacional de Bolsas da Fundação Ford –Turma 2003 - Mestra em educação pelo Programa de Mestrado em Educação da UNISO. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFC.

² O trabalho faz parte da pesquisa que foi realizada no Programa de Mestrado em Educação da UNISO, sob a orientação do Prof. Dr. Jorge Luis Cammarano González.

princesa, redentora dos escravos: “a princesa Isabel, e o séquito de abolicionistas perfumados”, conforme comentário de Célia Marinho de Azevedo (2004 a, p. 87).

O texto divide-se em duas partes: a primeira analisa a postura da Frente Negra Brasileira de Sorocaba em relação à data e, a segunda, o 13 de Maio no espaço escolar, especialmente a interferência do Estado Novo do Governo Getúlio Vargas, ao retirar a data do calendário das comemorações nacionais na década de 30. Finalizando o texto, elaboramos algumas comparações de como a data era vista na escola, na Frente Negra Brasileira de Sorocaba e tecemos comentários que, entendemos, sejam relevantes.

Para pesquisar a postura da Frente Negra Brasileira de Sorocaba sobre o 13 de Maio, utilizamos os depoimentos e fotografias do arquivo pessoal da Sr^a. Ondina Seabra, negra, professora e participante da entidade na época. Realizamos também visitas a duas escolas da cidade, que funcionavam na década de 30, com vistas a verificar como era comemorada a data e, finalmente, consultamos algumas obras que tratam do tema e que consideramos importantes.

A construção de mitos sobre o 13 de Maio é uma das formas pelas quais a dominação é reproduzida, além do uso de meios coercitivos, pelo convencimento dos considerados “subalternos” da superioridade moral e intelectual dos seus dominadores. A construção ideológica dessa hegemonia seleciona e utiliza determinados mitos, personagens e versões de fatos que, ao mesmo tempo em que oculta outros fatos menos convenientes, produz um sentimento de inferioridade na população negra. Dessa perspectiva, é que a análise sobre o 13 de Maio se torna de grande valia para estudar e pesquisar o processo ideológico que perpassa a apropriação da memória da abolição.

A Frente Negra Brasileira de Sorocaba e o 13 de Maio

Vários foram os estudos sobre a Frente Negra Brasileira em seus diferentes aspectos (Pinto, 1993; Guimarães, 2002; Barbosa, 1998). No que diz respeito à organização da Frente Negra Brasileira, em São Paulo, capital do Estado, destaca-se o trabalho de Pinto (1993) que, entre outros temas, tratou das comemorações do 13 de Maio por parte dessa associação.

A proposta da nossa pesquisa não foi realizar um estudo detalhado sobre essa associação, mas trazer para o debate a sua visão sobre o 13 de Maio, aqui representada por uma militante, Sr^a. Ondina Seabra. A informante nos deu vários depoimentos sobre as comemorações, promovidas pela Frente Negra por ocasião da data, citando inclusive nomes de pessoas que fizeram parte da entidade. Em especial, destaca a atuação do líder

da comunidade negra, Antonio Salerno, diretor da Frente Negra de Sorocaba e presidente da Irmandade de São Benedito nesses eventos.

A seguir, transcrevemos parte dos depoimentos.

Entrevistadora: A mãe da senhora participava da Frente Negra?

Sr^a. Ondina: Participava como voluntária, toda comemoração que tinha no 13 de Maio, ela fazia parte também, então nós íamos de lanterninha, à noite, para as crianças era uma maravilha, e íamos até o teatro municipal, o Teatro São Rafael, hoje é a FUNDEC, ali que era o teatro de Sorocaba.

Sr^a. Ondina: (...) Quando eu falei nesse grupo, nesse líder que era o Salerno das Neves, ele sempre levou a comunidade negra a se apresentar na sociedade. Então naquelas festas, de 13 de Maio principalmente, é que ele juntava toda sua irmandade e trazia para o centro nos desfiles, com luz, começava aqui no centro o desfile e terminava no prédio da São Rafael, que era na rua Brigadeiro Tobias, hoje é o FUNDEC. Era um teatro muito bonito que existia aqui em Sorocaba, os seus camarotes, as suas cadeiras, suas poltronas todas enfeitadas, todas de veludo. E ali terminava o desfile dos pretos no 13 de Maio. (Depoimentos em 29/11/2004)

A Sr^a. Ondina Seabra descreve o desfile do 13 de Maio, realizado por integrantes da Frente Negra Brasileira de Sorocaba, como um momento em que se refletia sobre a situação do negro em relação ao branco. Destaca ainda o fato de que durante as comemorações alguns oradores exaltavam as figuras de abolicionistas como Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, Luis Gama:

Sr^a. Ondina: (...) Esses desfiles eram feitos a noite. Só desfilava a comunidade negra. E algum simpatizante, algum branco simpatizante, também como sempre aparece algum político, sempre se entrosa nesse meio. Mas eram feitos só por negros. E ali eram feitos os discursos sobre abolição da escravatura. Como deveríamos pensar de tocar a nossa vida pra frente. Como dali em diante nós poderíamos viver. Qual era o modo mais fácil de conseguirmos ser livres. Mas até pouco tempo, isso era muito novo. É muito novo se pensar em levantar o negro na mesma condição do branco. Porque existe também muitos negros brancos. Mas cada uma resolve sua vida conforme gosta, conforme quer, conforme pensa. (Depoimento em 29/11/2004)

Sr^a. Ondina: (...) Eu ia com minha mãe em toda comemoração, continuava sendo o baluarte dos negros o Salerno das Neves, que era o nosso líder, um preto grande como o nome diz, gordo, usava aquelas capas enormes assim... (Depoimento em 18/4/2005)

Sr^a. Ondina: (...) No dia da comemoração destacavam-se os nomes dos abolicionistas conforme o orador, que eram: Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, Luiz Gama, entre outros. (Depoimento em 24/5/2005)

Os jornais, por sua vez, fazem referências às comemorações do 13 de Maio em Sorocaba, destacando o papel dos líderes negros na sua organização. Muitas dessas pessoas citadas no trecho que se segue do jornal *Cruzeiro do Sul*, de 12 de maio de 1930, teriam papel destacado na Frente Negra de Sorocaba, fundada um pouco depois:

13 de maio

Em todo o paiz passa-se sob a festa o dia de amanhã, que relembra a reabilitação da raça negra, mercê da lei que declarava livre, no Brasil. Em Sorocaba esse acontecimento historico será novamente festejado, congregando-se todos os pretos para a condigna celebração da grande conquista. Encarregam-se dessa commemoração os Srs. Salerno das Neves, Ramiro Parreira, Euclides Madureira, Antônio Santos, Olympio Castelo Alves, Roque Monteiro, Josué Prestes, Abílio Madureira, Isaltino de Arruda, Benedicto de Andadre e Benedicto Franscisco Soares, que fizeram o seguinte programma: hoje á noite, grande baile no S. Paphael, amanhã: alvorada de musica, pela S. Cecília, e salva; ás 8, serviço religioso na igreja de S. Antônio, por alma dos cruzados da abolição; á tarde, passeata cívica, cumprimentando-se imprensa, associações e clubes. Aos oradores pretos de Sorocaba deve juntar-se um da capital.

O jazz band flores tocará no baile. O “Cruzeiro” é agradecido pelo attencioso convite que lhe foi remettido. (*Cruzeiro do Sul: Diário da Tarde* – n. 7006, Sorocaba, 12 de maio de 1930)

Outro jornal de 1932 se refere às ações da Frente Negra Brasileira de Sorocaba e cita algumas pessoas que participaram das comemorações do 13 de Maio em data anterior à criação da entidade.

(...) Em Sorocaba a Frente Negra Brasileira despertou o maior entusiasmo, contando já com 420 associados.

E aqui a sede duma Delegação Especial, cuja directoria está assim constituída: Delegatario Especial, sr. Olympio Moreira da Silva; Delegatario, sr. Benecdito Andrade Nascimento; Secretario, sr. Benedicto Andrade; Thesoureiro, sr. Alfredo Monteiro; Orador, sr. Olympio Castelão Alves; Presidente do conselho, sr. Salerno das Neves; Vice-director, sr. Lucidio de Almeida, Membros do Grande conselho; Benedicto Dias Assumpção, Benedicto Barbosa, Anquilino Aarão Setúbal, João Evangelista, Virgilio Lopes, Isaltino de Arruda, Laerte Cearense, Benedicto Wenceslau M., Luiz

Corrêa de Moraes, Mariano Sant'Anna, Luiz de Barros, Leontino, Luiz Lopes e Dino Mascarenhas.

A sede provisória da Delegação Negra de Sorocaba é a rua Santa Clara 175. Iremos gradativamente dando publicidade aos actos da Delegação, bem como expondo as suas finalidades, que são em these grandiosas por visarem o bem estar individual e coletivo de uma raça. (*O Repórter*, Sorocaba, v. 1, n. 26, p. 2, 15 de maio 1932).

Os depoimentos da Sr^a Ondina Seabra, antes citada, sobre as comemorações do 13 de Maio na década de 1930, em Sorocaba, reiteram as constatações de Pinto sobre a importância que as entidades negras atribuíam ao evento na cidade de São Paulo na mesma época.

(...) As comemorações envolviam uma série de festividades, desde o seu anúncio solene, salva de tiros, peregrinação ao túmulo dos abolicionistas, desfiles de bandas musicais, celebração de missa, realização de passeatas. Nessas ocasiões, comumente, discursavam vários oradores, inclusive autoridades, lembrando o fato; faziam-se visitas às redações dos jornais; organizavam-se sessões solenes, quando também discursavam vários oradores, e pessoas presentes declaram poesias. Completando essas atividades cívicas, havia a parte social, com a realização de banquetes, recepções, competições esportivas, leilões, que, na maior parte das vezes, encerravam-se com um baile. Nessas ocasiões, as diversas sociedades e também os jornais enviavam representantes à cerimônia. Personalidades do mundo literário e político, eventualmente, também compareciam. (Pinto, 1993, p. 187).

Um ponto que merece atenção nos depoimentos da Sr^a Ondina Seabra é a ênfase que a entidade dá aos abolicionistas na libertação dos escravizados. Para compreender esse destaque, recorreremos ao estudo de Pinto (1993), que versa sobre as reflexões que se faziam acerca do tema no meio acadêmico na década de 30. A propósito, a autora indaga até que ponto o negro teria condições de ir além de uma percepção de passividade do escravo, uma vez que só recentemente os estudos começam a contestá-la e a enfatizar a questão da resistência. Pondera ainda que mesmo entre os que enfatizam essa resistência há uma tendência em negar o sentido político das suas ações, como ocorre com a historiografia de influência marxista. Recorrendo a autores como Célia Azevedo e Sidney Chalhoub que discute a influência do ideário marxista nesta interpretação e de como a preocupação em apresentar o movimento da história à luz da luta de classes, leva os seus adeptos a adotar uma postura racionalista e reducionista que

se remete à estrutura econômica para explicar os acontecimentos históricos. (Azevedo e Chalhoub, apud Pinto, 1993).

Nesse esquema de pensamento, a queda do regime escravista é explicada em razão das contradições objetivas, percebidas principalmente pela classe dominante e classe média nascente por estarem inseridas em relações de produção que tinham o seu desenvolvimento emperrado por estrutura escravista. Os escravos são apresentados como alienados e sem possibilidade de alcançarem, por si, uma consciência de classe, ou de emprestarem um significado político aos seus atos de protesto (Pinto, 1993).

Enfim, o corte que os estudos empreendiam, ao focalizar o processo de libertação dos escravizados centrado na atuação dos abolicionistas, reflete a pouca atenção à contribuição do negro para a derrota da escravidão no Brasil e que, segundo estudos mais recentes, foi significativa. A propósito, Azevedo (2004 b), uma das estudiosas do tema, demonstra como as revoltas dos escravizados ocorridas nas fazendas e vilas, sobretudo em 1870, influíram nas decisões importantes para coibir o tráfico de escravos em todo o Brasil, e geraram medo no governo monárquico e na elite escravista. Contexto este em que surge uma corrente da política imigrantista, trazendo em seu bojo a crença sobre a inferioridade do negro e a superioridade do branco, racista portanto, com graves conseqüências para a população negra, pós-abolição.

Este, e outros estudos de autoria de Célia Marinho de Azevedo como *Abolicionismo, Estados Unidos e Brasil: uma história comparada* (2003), e *Anti-racismo e seus paradoxos: reflexões sobre cota racial, raça e racismo* (2004a), elucidam outras questões importantes sobre o 13 de Maio, no Brasil. Sobretudo, mostram que a abolição dos escravos não ocorreu somente pela pressão dos abolicionistas urbanos, mas, também, devido à pressão de um movimento insurrecional negro abrangente. Por sua vez, as manifestações dos ex-escravizados nas ruas após o 13 de Maio e que foram inclusive reprimidas pela polícia, mostram o negro como um sujeito histórico que lutou para se livrar da escravidão.

É nesse cenário pós-abolição que a construção da memória histórica e política da abolição passa a ser disputada por monarquistas e republicanos. Enquanto os monarquistas destacam a redenção dos escravos pela Princesa Isabel, os republicanos enfatizam o esforço de abolicionistas heróicos no processo da abolição (Azevedo, 2004 a, p. 92).

Nas duas versões (monarquistas e republicanos), a história do escravizado como sujeito ativo da sua libertação está ausente, sendo “reduzido à figura de um ser passivo,

inferiorizado não só pelos séculos de vivência no cativeiro, como também devido ao seu suposto pertencimento a uma raça inferior” (Azevedo, 2004 a, p. 92).

Enfim, ambas as versões representam a redenção dos escravizados como um ato benemérito de homens brancos progressistas e humanitários, com apoio de alguns abolicionistas “mulatos”. Com o passar do tempo, as divisões partidárias perderam força, mas a visão do negro de raça inferior redimida pelo branco de raça superior perdura até hoje na historiografia brasileira (Azevedo, 2004 a, p. 24).

Segundo Munanga e Gomes (2004) durante muito tempo, a data 13 de Maio era lembrada quando se realizava alguma comemoração sobre o negro no Brasil, “nas escolas era comum que as crianças se fantasiassem de escravos e uma menina branca, e, de preferência loura, era escolhida para representar a princesa Isabel” (Munanga, Gomes, 2004, p. 129), nada se estudava sobre a resistência e luta por parte dos africanos escravizados e seus descendentes nascidos no Brasil. Entretanto, esse panorama tende a mudar, quando entidades do movimento negro, surgidas a partir dos anos 70 do século XX passam a atribuir outro significado ao Treze de Maio “(...) vendo-o como um dia nacional de luta contra o racismo” (Munanga, Gomes, 2004, p. 130), e propugnando que a data não deveria ser lembrada, uma vez que enfatizava a suposta passividade do negro diante da ação do branco. Além disso, o movimento negro trouxe para a sociedade brasileira uma data mais importante a ser lembrada e comemorada, o dia 20 de novembro, dedicado a Zumbi dos Palmares. Segundo Azevedo, Zumbi ganhou vida no cenário social, os movimentos negros resgataram “do esquecimento a figura de um líder escravo que ousara dizer não à escravidão que lhe fora imposta pelo poder branco” (Azevedo, 2004 a, p. 87).

O 13 de Maio no espaço escolar em 1930

Para entendermos as concepções que vigoravam sobre o 13 de Maio nas instituições escolares em Sorocaba, visitamos duas escolas públicas que existiam desde a década de 30 na cidade: Escola Estadual Júlio Prestes de Albuquerque e Escola Antônio Padilha. Nestes estabelecimentos, constatamos a ausência de registro sobre as comemorações do 13 de Maio, pois, segundo informações que nos foram dadas pelo diretor, a data não constava do calendário escolar como feriado nacional. Artigo do jornal *Correio de Sorocaba*, n. 1223, de 14 de maio de 1936, reitera essa informação ao lamentar o fato de a data não ser mais considerada feriado. O jornal, por sua vez,

destaca abolicionistas como Luiz Gama, José do Patrocínio, Castro Alves e a sua luta em prol da Abolição:

13 de Maio

Comemorou-se em todo o paiz a data da abolição da escravidão, sempre grata aos brasileiros e principalmente a raça negra, pela brilhante campanha de justiça que symbolisa.

13 de Maio relembra uma das mais grandiosas cruzadas cívicas de nossa História, e embora lhe hajam tirado o feriado, será sempre comemorado pelo nosso povo como uma das mais esplendidas ephemerides nacionaes . Luiz Gama, José do Patrocínio, e outros tantos illustres batalhadores entre os quaes se destaca a figura impressionante de Castro Alves. São nesse dia religiosamente evocados pela alma brasileira. (*Correio de Sorocaba*, n. 1223, 14 de maio de 1936)

Em outro artigo do mesmo jornal, de 12 de maio de 1930, constatamos percepção semelhante sobre o papel dos abolicionistas e que, provavelmente, perdurou por toda a década.

Treze de Maio é a data que invoca a nobreza dos vultos do 2.º Império: Rio Branco, Joaquim Nabuco, Ruy Barbosa, João Alfredo, Gama, Patrocínio e tantos e tantos outros homens de uma envergadura cívica que ainda serve de modelo as gerações praticias. A cruzada abolicionista não representa apenas a liberdade da raça negra. Mais do que isso – já não pouco – significa a salvação do nome brasileiro, até então maculado, dentro da refulgência de suas muitas glórias, pelo negrume de uma instituição abominável, a escravatura , numa época em que nenhum paiz do mundo tolerava a opressão das raças estacionarias, antes lutavam todos por chamal-as á luz da civilisação, guiando-as sob lemmas liberaes para incorporal-as á parte livre da humanidade, num amplo movimento de fraternidade universal.

O Brasil foi o ultimo paiz a dar o passo nesse ramo, fazendo-o tardiamente, é certo, mas ainda a tempo de bater aos humbraes do século XX, alliviado da carga immensa e triste que lhe curvava a cerviz.

A victoria moral foi effeitos salutaes e, pelo lado economico, só vantagens trouxe a abolição franqueando o paiz ao forasteiro que desejasse adota-lo como segunda pátria.

A data, pois, é de uma significação bem grande para o povo nacional. Representa o passo de que resultaram novos avanços entre elles a mudança do regime

As datas históricas proeminentes já têm, em todo o Brasil, o condão de accender entusiasmo no peito de nossa gente.

Sahimos da fase de apathia cívica com que friamente relembramos as ephemerides máxima da Pátria.

Desde que Bilac inflamou o coração da mocidade, apontando o caminho do patriotismo verdadeiro, praticado na escola e na caserna, nossa terra como que ressurgiu das cinzas de suas glórias, entre as quaes modornava o nosso valor cívico.

O Brasil reergueu se, educou-se melhor, lembrou com mais carinho factos e vultos históricos, comprenetrou-se melhor, de seus deveres de nacionalismo, e hoje com vibrações mais vehemente, sabe que a comemoração dos feitos que nos engrandecem é tambem um dos meios efficientes de construir a grandeza desta terra de opulências inegalaveis. (*Correio de Sorocaba*, 12 de maio de 1930).

Ainda sobre as comemorações no espaço escolar, consultando o jornal: *O Grêmio* n. 36, v. 7, abril de 1938, da responsabilidade do Grêmio Varhagem, da Escola Estadual e Escola Normal, constatamos que no programa do Grêmio continha a participação das escolas nas comemorações do Treze de Maio.

13 de Maio

O Gremio Varhagem, em cumprimento ao seu programa civico, reafirmado na plataforma que o presidente Moreira apresentou por ocasião das eleições, deseja participar intensamente dos festejos commemorativos de 13 de Maio. (*O Grêmio*, n. 36, v. 7, de abril de 1938).

São trechos que num primeiro momento parecem contrariar informações de que o 13 de Maio não era festejado com intensidade nas escolas. Na pesquisa não nos foi possível averiguar essa contradição de informações por falta de fontes que esclarecesse a que tipo de comemoração *O Grêmio* se refere. No entanto, o registro é necessário para mostrar que a data não estava totalmente ausente da escola.

No seu depoimento, a Sr^a. Ondina Seabra, por sua vez, pouco se lembra do 13 de Maio na escola e também dá indícios de que se enfatizava a Princesa Isabel como redentora dos escravos e os abolicionistas na Abolição da escravatura.

(...) O 13 de Maio era lembrado somente nas datas, ou na ocasião das aulas de história.

Na data 13 de Maio na classe falava-se um pouco mais da Princesa Isabel, como redentora dos escravos, e dos abolicionistas, entre eles, José do Patrocínio, Rebouças, Joaquim Nabuco, e Luis Gama. (Depoimento, 28/4/2005)

Entretanto, como o regulamento da Instrução Pública de 8 de setembro de 1892 instituíra o 13 de Maio como feriado escolar, fomos buscar explicações sobre os motivos da retirada da data do calendário escolar.

Segundo autores/as que estudaram as comemorações cívicas do período de 1930, esse fato ocorreu com a política nacionalista do Estado Novo do governo Getúlio Vargas que, reelaborou o calendário de cerimônias públicas no qual se articulavam as idéias de ordem, solidariedade, disciplina e modernidade. Adriana Vianna e Maurício Parada descrevem como, por meio de um calendário de festas comemorativas, o governo Vargas procura construir a unidade do Estado Nacional ameaçado pelo levante comunista e, ao mesmo tempo, romper com as idéias construídas na Primeira República.

Logo após a chamada “Intentona Comunista” de 1935 – tomada como momento crítico de ameaça à unidade nacional – pode-se notar uma certa intensificação das práticas comemorativas do Estado brasileiro, ao mesmo tempo em que também se aprofundam as tendências que apontam para um modelo de Estado forte. Ao longo dos anos seguintes será ampliado o calendário de festas cívicas nacionais. Algumas comemorações, anteriores a essa data, vão se tornar mais espetaculares, enquanto outras, criadas nesse período, já nascerão grandiosas.

Este calendário começa a ser estruturado em 1936 e sua forma acabada pode ser encontrada já em 1938. Sua linha do tempo compreendia as seguintes comemorações: o dia de Tiradentes em 21 de Abril; o 1º de Maio, dia do trabalho; a Semana da Pátria, um conjunto de comemorações realizadas ao longo da primeira semana de setembro que incluía, além do desfile militar em 7 de setembro, o “Dia da Juventude” e a “Hora da Independência”; o “Dia da Revolução Brasileira”, em 10 de novembro; a proclamação da República, em 15 no mesmo mês; e por fim, no dia 19 ainda em novembro, o “Dia da Bandeira”. Cada comemoração tem uma trajetória própria durante o período, cada uma com seu público, sua pedagogia e seus temas próprios. (Vianna, Parada, 2005, p. 1).

Com a estruturação do calendário oficial nacional, o 13 de Maio por estar relacionado aos ideais republicanos, e, conseqüentemente à história da luta abolicionista, foi retirado do calendário escolar, ação que prenuncia a ideologia do Estado Novo. Um Estado que rompe com as idéias construídas na Primeira República, período identificado pelos autores do pensamento social da época como um momento de decomposição da autoridade política e de esgotamento das fórmulas de consenso nacional. A Revolução de 30 e, principalmente, o Estado Novo teriam, como projeto

político, de fundar um novo começo, uma nova sociedade e um novo Estado, uma vez que estes se apresentavam corrompidos pela tradição liberal.

O principal erro do liberalismo teria sido, então, defender o dissenso como o elemento central da idéia de democracia. Concebido dessa forma, o modelo democrático provocaria a desagregação da comunidade política nacional, alimentando conflitos regionais e setoriais e inviabilizando qualquer forma de governo. Assim sendo, a construção de um Estado verdadeiramente nacional deveria opor-se a essa tendência desagregadora, afirmando a unidade em todos os aspectos políticos e sociais.

É importante destacar as modificações inseridas no calendário que passou a vigorar, tais como a inclusão de algumas datas e a exclusão de outras. Entre elas, o alargamento do 7 de Setembro, transformado em Semana da Pátria, e as festas de novembro, como o Dia da Bandeira e o Aniversário do Estado Novo, as novidades acrescentadas a partir de 1937. Enquanto isso, datas relacionadas à tradição republicana de 1889 foram eliminadas, como o 24 de fevereiro, que comemorava a promulgação da Constituição de 1891. O 13 de Maio, que estava relacionado à luta abolicionista e era comemorado como dia da Fraternidade Nacional e o 14 Julho, que remetia à história francesa dos primeiros momentos da República e que era comemorado como dia da Liberdade e Independência das Américas (Vianna, Parada, 2004, p.1).

Na nossa compreensão, a retirada da data 13 de Maio do calendário nacional é um dos fatores que influíram na ausência de que ele seja memorado nas escolas da década 1930 na cidade de Sorocaba, uma vez que as ações das instituições escolares sofriam um forte controle do Estado. O envolvimento do Ministério da Educação e secretarias estaduais e municipais de educação serão órgãos de fundamental importância na implementação da ideologia nacionalista do Estado Novo getulista. Adriana Vianna e Maurício Parada comentam os valores que deveriam ser propagados por meio das festas cívicas:

(...) Nessas festividades os participantes são os jovens estudantes matriculados no sistema de ensino público e privado. São cerimônias civis e de uma população específica, ainda em processo de aprendizagem, que incorpora de forma intensa a pedagogia do desfile cujos temas valorizam as idéias de disciplina, solidariedade com a comunidade nacional, ordem, saúde e modernidade (Vianna, Parada 2005, p. 1).

Entretanto, o conhecimento da ideologia da construção da identidade nacional, tal como se configura no calendário nacional no período “varguista”, requer ainda muitas pesquisas.

Entendemos que as instituições escolares de Sorocaba em 1930 participaram da política ideológica do Estado Novo, de forma estratégica na divulgação da ideologia do Estado nacional, que trazia como proposta a construção de um consenso coletivo, ou seja, a moralidade para a superação do individualismo e partidarismo liberais.

Nesse contexto, a apropriação da memória do 13 de Maio nas instituições escolares é crivada pelos valores impostos pela ideologia de Estado, engessador do que vai ser transmitido e ensinado. Por sua vez, o argumento usado pelo Estado Novo para justificar a retirada da data 13 de Maio do calendário nacional fortalece o entendimento de que a Abolição foi resultado da vontade do Estado monárquico e do movimento abolicionista brasileiro. Entretanto, como registrar minimamente a memória desse processo?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que há uma disputa pela preservação e apropriação da memória histórica, da Abolição, representada pela data 13 de Maio. Porém, nessa disputa histórica, a população negra sempre esteve presente, como procurou demonstrar nossa pesquisa com relação à Frente Negra Brasileira de Sorocaba. No outro lado dessa disputa, está a intervenção do Estado, governo de Getúlio Vargas, representado nas intuições escolares. Posteriormente, em especial a partir da década de 1970, essa disputa ocorre entre o movimento negro brasileiro e também o Estado. Como resultado, o 13 de Maio é substituído pelo dia 20 de Novembro, dedicado a Zumbi dos Palmares.

Nosso estudo mostrou que o 13 de Maio é um instrumento de agregação da população negra, não só para comemorar a libertação, mas também representa um momento para se refletir a situação socioeconômica da população negra no Brasil.

A propósito, nas ações da entidade Frente Negra Brasileira de Sorocaba, percebe-se uma luta constante contra a exclusão da população negra, principalmente na educação, exemplo disso é a criação de escolas (*O Repórter*, 15 de maio 1932) em um momento em que a população negra se encontra alijada da escola.

Entendemos que a memória do 13 de Maio como referência à abolição dos escravizados no Brasil, é disputada ao longo da história por “dominantes” e “dominados”, e a data se torna importante símbolo de dominação, por isso defendemos

que essa data deva ser pensada numa perspectiva de sua reconstrução histórica e ideológica. É preciso rever os conceitos e a ideologia do 13 de Maio, e reescrever a história da Abolição como resultado também de um longo processo de lutas do negro brasileiro e da população consciente contra o regime escravista.

Procuramos, neste estudo, trazer alguns elementos que consideramos relevantes para a reconstituição da história da população negra de Sorocaba e do Brasil, mas, de modo algum, pretendemos ter esgotado o tema. Abrimos perspectivas para que o tema continue a ser pesquisado e reinterpretado, considerando a sua importância.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. **Abolicionismo Estados Unidos e Brasil: uma história comparada**. São Paulo, Annablume, 2003.

_____. **Anti-racismo e seus paradoxos: reflexões sobre cota racial, raça e racismo**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2004a.

_____. **Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites século XIX**. 2.ed. São Paulo, Annablume, 2004b.

BARBOSA, Márcio (org.). **Frente Negra Brasileira: depoimentos/entrevistas e textos**. São Paulo: Quilombhoje, 1998.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio. **Classes raças e democracia**. São Paulo: Editora 34, 2002.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos**. São Paulo: Global; Ação Educativa, 2004.

PINTO, Regina Pahim. **O Movimento negro em São Paulo: luta e identidade**. São Paulo, 1993. Tese (dout.) Universidade de São Paulo.

VIANNA, Adriana R. B.; PARADA Maurício B. A. **Infância e nação em desfile: o desfile da juventude e hora da independência 1936/1937**. Disponível em: <www.file:///C:/desfilesecolares>. Acesso em: 4 abr. 2005.